

AS EXPRESSÕES CORPORAIS DOS GALIBI-MARWORNO

SERIANA BATISTA MACIAL

LUCILEIA ROSA DOS SANTOS

Orientador: Marcio Romeu Ribas de Oliveira

Resumo

Este trabalho é uma pesquisa que pretende divulgar as expressões corporais dos povos indígenas Galibi-Marworno, reconhecendo seu valor e a manutenção das nossas tradições culturais. O trabalho também tem características de reconhecer as manifestações culturais relativas ao corpo e suas expressões. Tem como pressuposto metodológico a observação e o registro dessas expressões na vida cotidiana das aldeias. A temática do movimento e do lúdico e as suas respectivas formas de expressão são trançadas com as práticas no trabalho, no descanso, na dança, no futebol, na pesca, na caça, assim como as brincadeiras entre outras formas de expressão do movimento. Através das pesquisas feitas nas aldeias encontramos os modos das expressões corporais inseridas no cotidiano da etnia Galibi-Marworno. Também através das pesquisas feitas nas comunidades Galibi-Marworno encontramos resultados das expressões corporais, a maioria delas está ligada à vida cotidiana, desde o trabalho em eventos, como jogos participativos na escola e na comunidade. Nesse sentido é necessário entender que as práticas corporais não acontecem somente na escola, mais estão presentes em diversas atividades rituais e no cotidiano das aldeias.

Palavras-chave: Cotidiano, Galibi-Marworno e Práticas Corporais

Introdução

Este trabalho tem como objetivo escrever sobre a importância de se manterem vivas as tradições culturais, além do reconhecimento das expressões culturais como um saber tradicional, o fortalecimento das manifestações culturais dos povos indígenas. Pois através desse estudo feito na aldeia, nós percebemos que as expressões corporais não são estudadas somente na disciplina educação física na escola, mais também estão relacionadas ao dia-dia dos Galibi-Marworno, através de todo o movimento do corpo, que eles fazem no seu cotidiano, partindo das brincadeiras ao trabalho. Isso é muito importante para as crianças, que eles tenham e reconheçam às expressões corporais, os tipos das brincadeiras, os jogos e as danças, as pinturas corporais, as lutas. E também a corrida, a pesca, a caça etc, e que essas práticas corporais estão ligadas ao cotidiano das aldeias.

O estudo é de suma importância, pois podemos perceber os tipos de práticas que estão relacionadas no nosso cotidiano e os movimentos corporais. Portanto, através desses movimentos, os estudos sobre as expressões corporais querem sensibilizar as crianças e jovens para esse conhecimento tradicional e como desenvolver vários tipos de atividades

que possam incluir e influenciar essa prática. Como campo de pesquisa tivemos a aldeia Kumarumã, como nosso foco principal, além das aldeias Flecha e Samaúma.

Porém queremos ressaltar que em Kumarumã foi onde encontramos as principais fontes da pesquisa, como: as entrevistas, pesquisas nos livros e vivenciando o dia a dia através das observações, este trabalho, também, é uma forma de sabermos como são realizadas essas práticas corporais, esse foi o motivo principal para sabermos e conhecermos tais práticas nas aldeias, como está sendo executado no cotidiano, sem que as próprias pessoas da aldeia percebam. Esse documento em forma de artigo é o motivo para saber se as crianças, os jovens e os adultos ainda hoje estão praticando essas práticas na aldeia, ou somente na escola? Que no decorrer dos anos as crianças e jovens não percam essas práticas corporais, que essa trajetória passa de pai para filho e continue sempre na nossa cultura, que não seja esquecida e substituída pelas práticas não-indígenas no decorrer dos anos.

Nós decidimos fazer esse projeto como uma forma inicial de documentação, a fim de saber quais as práticas corporais os jovens estão praticando dentro da aldeia, e também que esse material venha contribuir como material sobre o tema na escola, que sirva como fonte de pesquisa para eles como corpo discente dentro da escola, como possibilidade de acesso ao que pesquisar e para saberem como são as expressões corporais, então esse foi o motivo para realizar essa pesquisa. Para o desenvolvimento desse trabalho ele será dividido em vários itens e tudo isso que está sendo escrito foi pesquisado e as entrevistas e relatos das pessoas que vivem nas aldeias citadas contribuem para sabermos como são essas práticas.

Metodologia

O presente estudo teve como instrumentos metodológicos a observação a partir do dia 10 de agosto de 2010 nas aldeias Kumarumã, e também na aldeia Flecha e Samaúma, temos como registro fotografias das práticas corporais das aldeias. Nesta pesquisa pode-se perceber que as expressões corporais, os jogos, danças, pesca, trabalho, caçar e o futebol dos Povos Indígenas Galibi-Marworno, eles estão sempre mantendo entre si, um contato muito direto, que possibilita “trocas” de saberes e costumes entre elas. Fortalecendo o espírito de orgulho indígena, tendo em vista que para as apresentações culturais os mais jovens procuram os mais velhos para saber sua história. As atividades culturais identificam essa sociedade indígena e as práticas são a fonte de manutenção dessas pesquisas.

Campo de pesquisa

O povo indígena GALIBI- MARWORNÓ está localizado na terra indígena Uaçá, município de Oiapoque, extremo norte do Amapá, entre a fronteira Brasil e Guiana Francesa. A maior população está concentrada na aldeia Kumarumã, com aproximadamente 2000 mil habitantes, que está localizada na margem esquerda do rio Uaçá, e também a aldeia Aruatu. Seguido de mais cinco aldeias menores como: Anauera, Tukai, Samaúma, essas estão localizadas na BR 156, a aldeia Flecha está localizada na margem esquerda do Rio Urukaua, aldeia Uaha está localizada na terra indígena Juminã (VIDAL, 2009).

Todas são o resultado de várias migrações e fusões antigas e mais recentes. São portadores de tradições culturais heterogêneas, histórias de contato e trajetórias diferenciadas, assim como sua língua e religiões. Mesmo assim esse povo tem conseguido conviver e construir, ao longo do tempo, num espaço de interlocução, especialmente hoje, pelo viés das Assembleias Gerais e da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque, que congrega as outras etnias. Estas terras indígenas, demarcadas e homologadas, configuram uma grande área contínua, cortada a oeste pela BR-156, que liga Macapá a Oiapoque, no estado do Amapá. A paisagem típica da região é de savana alagada, banhada por três grandes rios, o Uaçá, o Urukaua e o Curipi, além de inúmeros afluentes, lagos, igarapés e floresta tropical que vai ao encontro das montanhas de Tumucumaque; a leste, o rio Cassiporé, o Cabo Orange e o oceano Atlântico. Muitas aves, das mais diversas espécies, povoam a região. Entre os rios, destacam-se algumas elevações como as montanhas Cajari, Tipok e Carupina, referência física e cosmológica para os habitantes da região. As aldeias e as roças ocupam diferentes ilhas, *zilé* em patuá, ou *tesos*, em português da região.

A alimentação é basicamente constituída de farinha de mandioca e uma grande variedade de peixes. Segundo as narrativas indígenas, toda essa paisagem é habitada por seres humanos, animais e vegetais e seres do "outro mundo", em contínuo processo de negociação e metamorfose, especialmente pela intermediação dos pajés, que entram em contato com os *karuãna* dos bichos e encantados, praticam as curas e realizam o ritual indígena do Turé. Um mundo predominantemente aquático, cuja cosmologia privilegia os seres sobrenaturais que habitam o fundo das águas. Região que antigos viajantes cartógrafos denominavam, *pei aba djilo*, em patoá. Poliglota, boa parte da população indígena do Oiapoque se comunica em vários idiomas: português e patoá ou kheoul (língua franca regional).

Portanto a aldeia Kumarumã foi o nosso foco principal o qual escolhemos para realizarmos a pesquisa sobre as expressões corporais dos Galibi- Marworno, além das

aldeias Flecha e Samauma.

Desenvolvimento

Considerando que os indígenas ainda praticam dentro de suas comunidades a manutenção dessas tradições, os contatos com a natureza e a necessidade de sobrevivência fazem com que, desde cedo as crianças desenvolvam essas habilidades relacionadas com o equilíbrio e a coordenação motora, como as brincadeiras, o futebol, o trabalho, as pinturas corporais, a caça, a pesca, subir nos açazeiros e todas essas expressões corporais são uma forma de dar visibilidade ao tema. Tivemos também como fonte de pesquisa o livro Referencial Curricular Nacional Educação Indígena (RCNEI) (2005, p. 321). Onde o autor Fernando Luiz Viana fala a respeito das práticas corporais, onde ele diz que na escola do não índio, a Educação Física é a disciplina que ensina e faz o aluno conhecer o que são as expressões corporais, ou seja, o movimento do corpo, que são as brincadeiras, os jogos, os esportes, as lutas, as danças e as formas de ginásticas, o autor faz uma comparação entre as escolas do não-índio e dos indígenas, e que a educação física diferenciada onde além dos costumes que mostra todo esse documento.

Que a educação física faz parte da cultura do índio, começando desde quando são crianças, e de acordo o crescimento, e para cada fase de sua vida vai desenvolvendo e conhecendo novas habilidades que são as expressões corporais começando pelos seus primeiros passos e a coordenação motora como as brincadeiras quando são pequenos, depois passa pela fase adulta e assim por diante, então eles vão exercendo essas atividades todos os dias, sejam elas no trabalho, no esporte, na pesca, no futebol, na caçada, no plantio, na dança do turé, todas essas expressões estão ligados na vida dos indígenas Galibi-Marworno, não importa para eles que todo esse movimento que fazem no corpo é uma forma de educação física, quando estão puxando uma tora de pau, quando estão caminhando longas distâncias ou até mesmo fazendo farinha, ralando mandioca, andando na ponte, correndo no campo, isso faz parte de suas vidas e estão praticando movimentos corporais. Dessa forma iremos agora descrever essas práticas corporais nas aldeias pesquisadas.

Danças do Turé- É uma festa tradicional dos Galibi-Marworno, essa festa é realizada durante a lua cheia dos meses de outubro e novembro nas comunidades indígenas Galibi – Marworno, essa festa é de agradecimento aos médicos invisíveis que são os Karuãnas, são seres que vem do fundo do mar, e outros que vem nos espaços das nuvens como: (LAPUSIÊ) que quer dizer seres poderosos que curam doenças causadas pelo feitiço e

outros espíritos sobrenaturais, ou seja, pessoas invisíveis que vivem no outro mundo, somente o pajé tem contato com eles, como: o espírito da cobra grande, das borboletas e dos pássaros que são amigos, como retribuição às curas que eles fazem através dos pajés. Os espíritos das aves e de outros bichos são chamados para receber homenagens e recompensas pelas curas proporcionadas aos enfermos, são convidados ainda a se sentar nos bancos que representam essas entidades do outro mundo. Enquanto estão presentes, ainda que invisíveis, na festa, os índios oferecem bebida de caxixi e fumo de tauari, presentes preferidos dessas entidades que são amigos, como retribuição às curas que eles fazem através dos pajés. E também é feito turé como pequena demonstrações em datas comemorativas, como o dia do índio (dezenove de abril) e dia da criança (doze de outubro) a dança é uma prática corporal para os Galibi-Marworno, através de todo movimento que fazem eles estão praticando um tipo de exercício, para dançar o turé é preciso de 15 a 25 pares de dançarinos. Na dança também imitamos vários animais, Karuãna ou o fenômeno da natureza como: a dança do tucano, a maresia, yorokã. Estes são o que vão imitar os bichos ou Karuãna, através da coreografia. Quando se dança geralmente é na época de lua cheia nos meses de outubro e novembro, quando acontece à dança do turé, uma semana antes de acontecer, o pajé reúne as pessoas da comunidade para participarem da dança, os homens preparam seus instrumentos, enquanto as mulheres ficam preparando suas vestimentas, quando chega na semana da dança por exemplo, quando a dança que cada um apresenta, podemos perceber uma expressão no corpo que cada pessoa desenvolve sem saber que está praticando. Por exemplo, a dança do GHÃ PAPA GHO BEG – que significa tucano. Há um canto do tucano, e a letra diz que ele está dançando num galho de árvore.

Ele está “no centro do mato” pulando de galho em galho, no pau arari. Em Galibi-Marworno, iranakoirana, tutairana, xerecoiekaarari (centro do mato - *habitat* dele - pulando no pau arari). Esses Karuãnas são chamados, por meio de cantos, pelo xamã para vir dançar e cantar no meio do laku, ou piroro, espaço sagrado delimitado por estacas ou bancos e esculpido, no meio do qual ergue-se o mastro do turé. Os espíritos das aves e de outros bichos são chamados para receber homenagens e recompensas pelas curas proporcionadas aos enfermos.

No qual dois casais ficam no centro do laku os homens ficam abaixados com as flautas de bambu soprando e movimentando de um lado para outro, em quanto as mulheres seguram nas costas de seus parceiros e acompanham os movimentos

dançando.



Figura 1 – Dança Turé – Aldeia Kumarumã – Fotografia professor Oberto Maciel Gabriel

Pesca- Para os Galibi-Marworno as armas de uso no cotidiano, como as lanças, e outros objetos de pesca, que são produzidos por eles, isto é, exclusivamente para seu uso. A pesca é um exercício fundamental praticado no cotidiano dessa pessoa da aldeia, um meio de manter a sobrevivência dos indígenas, nas terras indígenas, só índios podem pescar, porque esses recursos são necessários para a manutenção da vida da população indígena Galibi-Marworno, também tem todo o jeito de como se pescar, o jeito de como se posiciona no momento que está pescando, seja em pé, quando esta flechando qualquer tipo de peixe grande como o pirarucu, é preciso, ter muito cuidado e atenção a pessoa fica numa posição bem equilibrada para não cair na água na hora de puxar o peixe, a postura que vai ficar, quando esta arpoando um jacaré a pessoa tem que estar bem equilibrada e com muita atenção, seja qualquer outro peixe ali naquele momento está praticando um exercício. A pesca é realizada com maior frequência, principalmente durante o verão. O consumo de peixe é muito alto nessa época, pois o período facilita a pescaria e os peixes estão em abundância, podendo em alguns lugares ser pegado com as próprias mãos.

Muitos morrem nos igarapés quando ocorrem as secas. Alguns estão em extinção, como o pirarucu, que é maior espécie de água doce e um dos peixes mais apreciados pelos indígenas da região. Para garantir a sobrevivência da espécie, as lideranças indígenas criaram leis, proibindo a pesca no período de procriação e só

podem usar o arco e a flecha, arpão, zagaia e anzóis para a pescaria. O comércio de peixe só pode ser local, com os preços definidos pela comunidade.

Eu, quando pesco pirarucu, temos que nos posicionar bem pra poder arpoar o peixe, porque é muito grande e tem muita força, não qualquer pessoa que pesca esse peixe é difícil. (Antonio Narciso, 45 anos, aldeia Flexa, Galibi-Marworno)

Caçar-Essas práticas corporais são muito utilizadas também no sistema cultural do povo Galibi-Marworno, dentro da estrutura econômica da aldeia, a caça atualmente, é uma atividade praticada como fonte de subsistência para os moradores da aldeia. Desde há muito tempo o povo Galibi-Marworno sempre com suas tradições, usufrui da natureza para tirar sua alimentação, dependem dos animais e aves para sobreviver, os índios Galibi-Marworno da área do Uaçá, possuem uma série de tipos de alimentos para sobreviverem, percebemos que os indígenas realizam essa prática todos os dias, a caçada acontece diariamente devido a quantidade da população, eles utilizam esse meio para manter o sustento e alimentação da família, e é muito importante ter esse relacionamento e contato com a natureza, essas práticas são fundamentais na vida deles. A caça é um meio muito antigo de subsistência nas terras indígenas, é um costume passado de pai para filho durante as práticas cotidianas. Quando chega o período das chuvas, a pesca é escassa, com isso a procura por caças aumenta, tanto de dia quanto à noite. Entre as caças mais consumidas estão a cutia, a paca, o veado e o porco do mato. É proibida a venda da caça para as cidades vizinhas, só pode ser comercializada dentro da comunidade e com valores definidos pelas tabelas de preço locais. Todos os dias acontecem isso nas comunidades indígenas, faz parte da vida cotidiana desses povos. Existem determinadas maneiras de ir caçar, durante o dia e a noite, quando os homens saem para caçada, no período da noite, ou seja, para lanternar, muitas das vezes eles caçam em equipes ou às vezes em duplas, também tem a caçada individual, depende de que animal eles vão atrás, eles utilizam os seus equipamentos, a espingarda, o arco, flecha, e a lança, principalmente o cartucho como munição, hoje por exemplo, quando vão para mata caçar, eles levam a espingarda para sua proteção. A caça de espera se dá com a permanência do caçador em uma localidade, onde se tenha detectado anteriormente a presença de animais, como por exemplo, através da observação de rastros, pegadas e fezes, isso se dá usualmente nas proximidades de árvores em frutificação ou em localidades próximas aos cursos d'água.

A caça de busca consiste na realização de ir ao encontro de animais, que pode ser por caminhadas ao longo de trilhas ou pela navegação de trechos do rio em busca de animais que estejam às suas margens. Os índios modificaram suas práticas de caça, com

utilização de armas de fogo empregadas para matar os animais. As atividades de caça dos índios são realizadas, preferencialmente, nos meses da estação seca (maio a novembro). Há uma redução do número de caçadas durante a estação chuvosa (dezembro a abril) e em noites de lua cheia, pois consideram tais períodos menos favoráveis para a captura de animais. Os principais animais caçados são: queixada, caititu, capivara, paca, cutias, tatus, veados, jabutis e algumas aves, dentre as quais, arara, jacamim, mutum, inambu, jacu. Os animais são abatidos exclusivamente para o consumo local. Entre os Galibi-Marworno, os cães também são utilizados nas caçadas, estão entre os animais domesticados mais valorizados, devido a sua contribuição na obtenção de alimento para subsistência familiar e comunitária.

Trabalho- o trabalho é uma prática corporal fundamental na vida de cada um dos indígenas, seja ela qual for os homens e mulheres praticam todos os dias essas práticas, os trabalhos das mulheres são. Lavar, limpar, cuidar dos filhos, elas trabalham também ajudando seus maridos na lavoura, elas vão para roça, e também preparam a farinha, (são essas características), as tarefas que as mulheres não praticam são a derrubada da roça e serrar madeira assim como mariscar em geral, elas sempre ajudam seus maridos em quase todas as tarefas como: na roçagem da roça, capinar, coivarar e no plantio da roça e na época de fazer roças, os homens se encarregam e prepararam a terra, ou seja o terreno para a derrubada da roça, depois de um mês a queimada das árvores para a preparação da limpeza para deixar o solo limpo, a chamada coivara é feita em mutirão pelos homens Galibi -Marworno, deixando o terreno pronto para o plantio, e ainda é muito utilizada essa prática hoje na comunidade do povo Galibi-Marworno. Mutirão – Maiuhem patoá, é uma forma de trabalho coletivo muito antigo realizado pelo povo indígena Galibi-Marworno.

Existem vários tipos de mutirão, o de roçar e derrubar as roças, limpar a comunidade e o limite da demarcação da nossa terra, onde os indígenas Galibi-Marworno sempre junto em equipes trabalham também seu preparo físico. Como por exemplo, quando puxam grandes toras de madeira para serrar. Isso faz com que eles tornem-se verdadeiros trabalhadores, que aprendem com a natureza, a verdadeira força física corporal, percorram grandes distancias, atravessando lagos e rios, subindo e descendo montanhas no fundo da mata, esse exercício físico faz parte do dia-a-dia deles nas aldeias.



Figura 2 Foto: Jaciara da Silva - (caminhada para fiscalização da reserva Uaçá)

E tem outros trabalhos, como descobrir (kabe) casa de farinha, de plantar mandioca entre outros. Alguns mutirões participam apenas os homens, enquanto em outras atividades envolvem homens, mulheres e crianças. Por exemplo, o mutirão de plantar mandioca é o mais esperado, pois reúne quase todas as famílias de uma determinada comunidade e as tarefas são divididas de acordo com a faixa etária. Os homens idosos cortam as manivas, os mais jovens fazem as covas, os adolescentes carregam os feixes de maniva, e repartem chibé (água com farinha de mandioca) e tabaco, as moças semeiam as manivas cortadas nas covas e as senhoras plantam. Nesse dia, o dono do maiuhi deve oferecer alimentação, caxixi (bebida feita de mandioca e outros complementos) e outra bebida, também são oferecidos tabaco e o chibé. A alimentação é servida antes de iniciar as atividades. Quando chega o meio dia o dono do maiuhi (mutirão), avisa que está na hora de parar e descansar. Após muito tempo de descanso eles voltam novamente para trabalhar até o final da tarde.

Brincadeiras- as brincadeiras acontecem todos os dias nas aldeias, as crianças praticam vários tipos de brincadeiras. São as corridas, nadar, remar, luta livre, caçar, pescar, guerreia, por exemplo, as brincadeiras de luta livre, são duplas entre dois meninos, para medir força, quem derrubar primeiro os seus parceiros será o vencedor, essa brincadeira pode-se brincar em qualquer lugar, no quintal, no campo de futebol, no campo alagado, e também debaixo das sombras das árvores, geralmente quem brinca são os meninos.

Brincávamos de esconde-esconde, tupi (PIÃO), era feito do caroço do tucumã, agente furava no meio, fazia um buraco para colocar uma

varinha, depois amarrava com uma corda, agente puxava com força, o caroço ficava rodando feito pião, isso era divertido. E também brincávamos com jĩgĩg era um brinquedo feito de pedaço madeira, ou semente de anauera, uma árvore frutífera não presta para comer, agente pegava um pedaço de tabua cortava bem redondinho, fininho depois furava dois buracos no meio enfiava uma corda, enrolava bem a corda depois puxava, ele esticava feito uma borracha. (Geraldo Getúlio, Kumarumã, 65 anos, Galibi-Marworno)

As brincadeiras das meninas são separadas dos meninos, elas não se misturam com os meninos em suas brincadeiras, os que elas mais praticam são: acampamentos, cestaria, modelagem de barro tipo de animais, peixes e aves, boneca também, elas são confeccionadas pelas próprias meninas. As brincadeiras são praticadas em grupode quatro ou cinco, elas brincam debaixo da casa, das árvores e na beira do rio. Tudo que elas observam no dia-dia dos seus pais, nos trabalhos e outras expressões que eles praticam, elas imitam em forma de brincadeiras. Como na tecelagem de tipiti, peneiras, cestaria, costuram e outros. Essas atividades são muito importantes na vida desse povo, todos sempre procuram manter suas tradições vivas e não perder o que ainda resta na cultura Galibi-Marworno. Algumas dessas brincadeiras são baseadas nas atividades do dia-dia como, a caçada, (corrida) a caminhada (andar a distância), (remar) canoagem, como carregar jamaxi, (corrida de tora) e cabo de guerra e outros. Todas essas brincadeiras são praticadas na aldeia, no dia a dia, cada tipo de brincadeira tem um lugar adequado onde brincar, seja na terra, na água, nas árvores, nos campos, no meio do serrado, enfim, não tem hora nem dia certo para as crianças praticarem essas brincadeiras.

Existem também outros lugares para as crianças brincarem, o ambiente escolar que também faz parte da vida das crianças, onde eles possam desenvolver as brincadeiras juntos com o professor, na parte da educação física. Eles sempre procuram desenvolver as brincadeiras mais praticadas na aldeia. Portanto, nós como educadores devemos incentivar mais os alunos a participarem dessas brincadeiras na área da educação física, e uma maneira de levar as crianças a desenvolver e reconhecer a cultura indígena principalmente nas brincadeiras que eles mais gostam. Por isso damos valores aos jogos tradicionais e aproximar nossos jovens das tradições de seu ambiente, ter conhecimento dos jogos, da origem dos nomes das diferentes formas de diversões, ritos e tradições culturais. Portanto, os alunos procuram interagir uns com os outros nas brincadeiras. A importância dessas brincadeiras é para mostrar como e bom valorizar o conhecimento do povo Galibi-Marworno.

Eu gosto muito de brincar, brinco junto com as outras crianças, nos brincamos de apostar uma corrida. De esconde- esconde, agente se esconde atrás das árvores, ou em outro lugar, para aquele que nos

procurar não nos encontrar, fica uma pessoa vigiando, ele tem que encontrar todo mundo para matar, se ele conseguir matar todos mundo que estava escondido, ele ganha a brincadeira, mais se não conseguir encontrar todos ele perde. (Maria Roselina Agostinho, 10 anos, Samaúma).



Figura 3 - Foto: Jaciara da Silva - aldeia Kumarumã

As crianças Galibi-Marworno brincam de arco e flecha todos os dias nas aldeias, não importam quantas crianças vão brincar, essa brincadeira é também uma prática esportiva que as crianças brincam no dia a dia na aldeia, sendo disputada entre meninos, todos começa a atirar as flechas, se uns erra outro do lado acerta, se acertar o mais e mais vezes, estes irão tirar disputar até ficar um único vencedor, então ele irá atirar. Às vezes é também praticado em eventos da comunidade, é disputado entre os adultos, é utilizado exatamente o tronco da bananeira, ou tronco de aninga.

Brincadeiras no velório

Quando acontece uma morte na aldeia, os povos indígenas Galibi-Marworno eles costumam reúne todas as pessoas da comunidade para prestar solidariedade a família do falecido, para fazer companhia aos parentes na noite do velório, geralmente vai todo as pessoas da comunidade, homens mulheres e as crianças também vão prestar solidariedade ao falecido, os velhos contam histórias através dessas histórias eles imitam os personagens, através do canto eles dançam e gritam e imitam vários gestos, jogam baralho, brincam de

dominó, enquanto os jovens e as crianças brincam de roda, Por isso damos valores aos jogos tradicionais e aproximar nossos jovens das tradições de seu ambiente, ter conhecimento desses na noite do velório jogos, da origem dos nomes das diferentes formas de diversões, ritos, cultura e tradições. Portanto, e muito importante, manter vivas interagir uns com os outros essas brincadeiras. Essas técnicas corporais que é praticada, e um sistema de montagens simbólicas passada de pai para filho. A importância dessas brincadeiras e para mostrar como e bom valorizar o conhecimento dessas praticas corporais, as pessoas ficam ate amanhecer durante a noite do velório para que possam distrair os parentes, também cada família leva um ou dois quilos de alimentos, farinha, comida, cigarro e bebidas, para a família do falecido, para não deixar a família sozinha, pois naquele momento passando por uma situação difícil, ou seja, para que elas não fiquem muitos tristes, e também para consolar a família. As brincadeiras vão até ao amanhecer, durante a noite também é servida o café, mingau e o jantar para as pessoas que ali estão, também durante a noite é feito a ladainha para fazer homenagem ao morto e é feito três vezes. Têm várias brincadeiras, como exemplo brincadeira anel, onde se reúnem as meninas e os meninos todos juntos brincam de anel; já a brincadeira da tesoura, essa já é praticada somente com os homens mais velhos, porque é um pouco pesado, é somente os homens que praticam essa brincadeira; gato e o rato, “KASE MAGAZĒ” e outros tipos de brincadeiras, cada brincadeira tem seu tipo de canto. Ao amanhecer as mulheres se reúnem para preparem o almoço, para todas as pessoas que passaram a noite, e para os homens que foram para o cemitério, enquanto isso ficam outros no centro comunitário fazendo o caixão, quando retornam as pessoas do cemitério, vai outra turma para o cemitério já com o morto, para o enterro, as pessoas que não participaram na noite do velório irão cavar a sepultura para o enterro. Quando isso acontece durante uma semana os parentes do falecido não poderão ir para suas roças, porque se não as mandiocas vão apodrecer todas. Após sete dias e feito a ladainha, a reza do (sétimo dia), onde reúnem novamente todas as pessoas da família e outros, para participarem da ladainha.

O trabalho para os homens

Para o povo Galibi-Marworno as tarefas são divididas entre os homens, cada faixa etária fica com uma tarefa, geralmente os homens que já tem uma família formada fazem o trabalho mais difícil, porém não medem esforço, o trabalho é uma atividade praticada no dia a dia, dos homens Galibi-Marworno, para sustentar a sua família eles precisam praticar todos os dias atividades de plantio, que é uma fonte de subsistência, cuidam da parte da agricultura, como na época da roçagem e derrubada. Já para os jovens eles cuidam da parte

da alimentação, eles se encarregam de irem buscar o alimento, como pescar, caçar, tirar açai, mariscar a longa distância, mais tem trabalho que é feito também em mutirão como, por exemplo, limpeza da comunidade, onde participam somente os homens, e os jovens de 15 anos, nesse trabalho também quando é na época da fiscalização do pico no limite da reserva, nesse trabalho os jovens de 15 fazem parte, também os homens de 40 anos, serrar em dupla na construção de canoa, construção de casa.

O trabalho para as mulheres

Todos os povos indígenas da região possuem modos particulares de ocupar os espaços em que vivem, de acordo com sua própria cultura. Possuem também normas de conduta e regras de etiqueta com base nas quais buscam viver bem entre si. As mulheres geralmente dividem as tarefas entre elas, as mulheres que já estão casadas trabalham na parte da agricultura, e também fazem a farinha, e cuidam da casa, dos filhos. Geralmente as mulheres fazem as tarefas mais leves e também ajudam em algumas tarefas dos homens como: partir lenha, coivara, roça e outros. As tarefas mais praticadas das mulheres Galibi-Marworno são torrar farinha, capinar roça, raspar e ralar mandioca, carregar lenha, arrancar mandioca e fazer farinha e tarefas domésticas como cuidar da casa, varrer, encher água, fazer comida e cuidar dos filhos, essas atividades são muito importantes na vida daquele povo, são tarefas que eles praticam durante o dia e uma maneira de exercitar nos trabalhos no dia - dia. O período que elas mais trabalham são os meses de outubro e novembro, é a época do plantio da roça onde elas trabalham todos os dias, principalmente no mutirão de tirar maniva da mandioca para plantar as roças, essas são as tarefas que as mulheres praticam com ajuda dos homens, geralmente esses trabalhos de plantio de roça são feitos em grupos de mulheres, homens, moças, e rapazes e crianças acima de 10 anos, cada uma com uma determinada tarefa, os rapazes cavam, as moças e crianças semeiam e as mulheres mais velhas só plantam, e também tem tarefa para as pessoas mais idosas como, as mulheres cuidam da preparação da comida e distribuição da água (chibé) e os homens cortam as manivas.

Nessa época todos os dias têm mutirão todo mundo trabalha junto, ajudando uns aos outros sem qualquer serviço do plantio da roça. Antigamente os trabalhos eram muito mais organizados, principalmente as famílias compartilhando com seu trabalho aqueles que necessitam de ajuda. Nessa época também os trabalhos eram bem divertidos porque tinha o caxixi sempre em qualquer trabalho, tinha que ter o caxixi isso motiva mais as pessoas ao trabalho, nos trabalhos de grupos. Hoje modificou muito nossos trabalhos, as pessoas não têm mais o espírito de trabalhar em mutirão (mauihi) não tem mais aquela alegria que tinha

ante, às vezes você vê muitas pessoas que trabalham sozinho sem convidar os outros para ajudar. Até mesmo o dono do trabalho não leva comida suficiente para os convidados.

O Descanso

Para o povo Galibi-Marworno suas tradições desde antigamente, vivas as nossas tradições culturais. O trabalho também tem características de reconhecer as manifestações culturais relativas ao corpo e suas expressões corporais, para os Galibi-Marworno na comunidade indígena, os homens nunca deixem seus costumes, geralmente acontece na comunidade o descanso, isso acontece depois do trabalho quando os homens estão fazendo suas tarefas do dia a dia, nas horas de meio dia costumam se reunirem para o descanso, principalmente quando é na época do plantio que acontece nos meses de outubro a dezembro, os homens costumam descansar depois do almoço debaixo das árvores, deixando passar as horas para voltar novamente ao trabalho, e também quando os homens estão remando no rio, eles costumam deitar no fundo da canoa para dar um descanso, deixando de remar e ficam sendo levados pelas correntezas.

Em outros momentos de descanso acontece também em casa depois do almoço, e no dia de domingo que é muito respeitado para o povo Galibi-Marworno, as mulheres também ficam descansando em casa, quando elas estão no período menstrual, elas ficam de repouso em casa sem sair, nem podem e nem devem fazer qualquer outro tipo de trabalho, também existe outro tipo de descanso, quando tem alguma data comemorativa na aldeia, os homens, mulheres e as crianças não trabalham nesse dia, e ficam participando das brincadeiras realizadas na aldeia, outro dia muito importante de descanso é nos dias de feriados, por exemplo, dia dos finados as pessoas ficam e não trabalham e respeitam esse dia, e na semana da páscoa sexta feira santa, é um dia muito especial para o povo Galibi-Marworno.

O trabalho é muito importante nas vidas desses indígenas, como qualquer ser humano também tem a necessidade e o direito na vida o descanso, de viver nas suas sociedade seus costumes e tradições, isso faz parte da vida deles, essas práticas corporais, são fundamentais na vida cotidiana deles.

Atividades de plantio, como nova fonte de subsistência. E também temos outros tipos de descanso tradicionais dos Galibi-Marworno quando a mulher ganha o seu filho o pai da criança não pode caçar e nem pode pegar nas armas pesadas como: a espingarda, serrote e outros, os pais da criança não podem tomar banho no rio e mergulhar na água, o pai e mãe só podem se molhar do pescoço para baixo até a criança completar um mês ou quarentas dias.

Pintura corporal

As pinturas corporais (ADAMNÃ) são usadas nas danças tradicionais nos eventos como dia 19 de abril, 07 de setembro e dia 12 de outubro essas pinturas são feitas de tintas de urucum e jenipapo. Essas pinturas representam um símbolo principalmente na dança do turé em cada plumagem ou chapéu de dança tem uma figura que representa uma personagem importante da dança como: a cobra grande, o jacaré, a borboleta, e os pássaros da montanha e os pássaros do mar e também temos a marca da natureza, através dessas marcas usamos as pinturas tanto no corpo como também nos objetos.

A pintura corporal representa também a beleza de um povo e marcas, durante as cerimônias mais formais, os Galibi-Marworno usam pinturas de urucum de cor vermelha no corpo, e especialmente na face nos braços e pernas, principalmente nos eventos e nas datas comemorativa quando fazem apresentações.

De acordo com a pesquisa na aldeia os Galibi-Marworno não há uma pintura específica só deles mais essas pinturas são em coletividades com as outras etnias as mesmas marcas e pinturas.

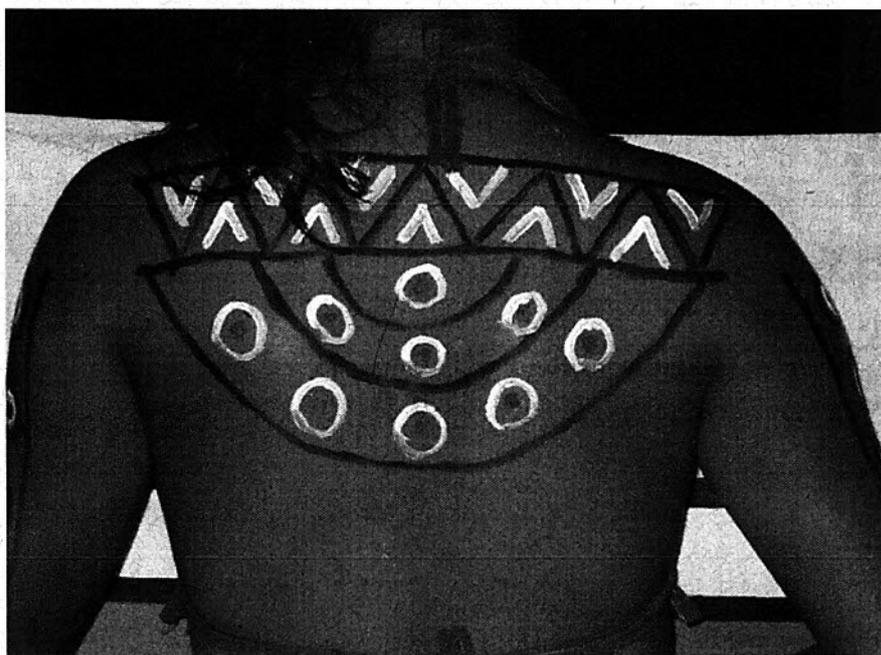


Figura 4 – Pintura Corporal - Fotografia Oberto Maciel Gabriel – Aldeia Kumarumã



Figura 5 – Pintura Corporal – Oberto Gabriël Maciel

Futebol

Entre esses fatores destacam-se o aumento de interesse dos jovens pela cultura, a valorização e manutenção do conhecimento pela mesma. Além disso, o esporte muito importante é uma atividade favorável para a auto-estima e para saúde desse povo. Diante desses dados os Jogos dos Povos Indígenas Galibi-Marworno assim como suas atividades esportivas mais praticadas nas aldeias com o povo Galibi-Marworno é o futebol e o vôlei. Na grande maioria das aldeias há espaços exclusivos para a prática do futebol que ocorre no cotidiano da comunidade, como uma das atividades preferidas entre homens e mulheres. Esse esporte tornou-se tão intenso que existem jogos especialmente para essa prática, como é o caso, do campeonato realizado todos os anos na aldeia Manga, relatado nas entrevistas. Essa situação é insatisfatória para os mais velhos, já que estes não aprovam práticas que não são tradicionalmente da cultura indígena deles, relatando a preocupação com a manutenção das suas manifestações culturais.

Apesar da frequência do futebol nas comunidades indígenas do povo Galibi-Marworno as entrevistas destacam a falta de estrutura física, materiais de qualidade e profissionais nas aldeias para que possam atender as demandas desta prática. Demonstrando a falta de interesse dos governantes para o atendimento às necessidades da comunidade indígena. Os jogos fazem parte do patrimônio da humanidade indígena, porém o esporte uma das práticas mais importantes para os Galibi-Marworno, eles jogam e

brincam entre si na própria comunidade, e é praticado pelos jovens, adultos, crianças e mulheres. Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais, com características lúdicas. Também a preparação do jovem para a vida adulta, os jogos acontecem todos os dias nas aldeias geralmente no final da tarde e nos finais de semana, e quando acontecem torneios entre as comunidades, não tem idade para os jogadores, sejam jovens e adultos, gostam de futebol e também as mulheres brincam, o futebol é muito importante para os indígenas, apesar de não ser da cultura do indígena, mas sim adquirido do “homem branco”. Mas se tornou um grande esporte para os povos indígenas. Não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores-perdedores, a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo.

Eu comecei jogar futebol desde 07 anos, eu meu time nos fazíamos qualquer coisa pro nosso time não perder, eu brinco com meus primos, meus irmãos, quando saio da escola, nos jogamos todos os dias, mais a tarde, quando o sol baixa, juntos com as menina, a gente corre com bola, não deixamos elas pegarem na bola, elas sempre perdem. Toda as vezes que brincamos então é muito importante isso pra nos assim estamos praticando exercício, mais estamos acostumados nos não sentimos nenhuma dor. (Jarbas Pastana Malaquias, Samaúma).

Discussão dos dados

O futebol é muito praticado na comunidade assim com as danças, as brincadeiras, o trabalho, a caça e a pesca. Sendo essas práticas atividades tradicionais que buscam fortalecer nossas raízes e também a presença da cultura não-indígena nas aldeias. O povo indígena Galibi-Marworno tem direito a praticar e revitalizar as suas tradições e costumes culturais. Isto inclui o direito a manter, proteger e desenvolver as manifestações passadas, presentes e futuras e suas culturas. Outra observação importante é a intensa influência da cultura não indígena na aldeia em se tratando das práticas corporais. O esporte, em especial o futebol, transformou-se numa prática permanente no interior das aldeias, para a maioria do povo indígena Galibi-Marworno, a dança, as brincadeiras, a pesca, caça, o trabalho, e o descanso, através da pesquisa pode-se observar essas expressões que são praticadas em nosso cotidiano.

De acordo com a pesquisa na aldeia, os Galibi-Marworno não tem uma pintura especifica só deles mais essas pinturas são em coletividades com as outras etnias as mesmas marcas e pinturas.

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa sobre as expressões corporais foi buscar esses conhecimentos sobre as práticas culturais de movimento no cotidiano dos povos indígenas Galibi-Marworno que sofreram muitas transformações em seu modo de viver e na sua cultura, tendo sofrido mudanças em seus hábitos e tradições. Muito da cultura acabou sendo esquecido, e houve grandes mudanças e transformações, uma delas são os jogos tradicionais, as brincadeiras, e outros que sempre fizeram parte da nossa cultura, entretanto hoje muitos desses elementos são provenientes da sociedade envolvente.

O futebol, a dança, as brincadeiras, a pesca, a caça e descanso fazem parte da cultura Galibi-Marworno atualmente. A pesquisa que deu origem a este artigo foi muito importante, demonstrou que esse estudo está relacionado aos indígenas Galibi-Marworno, ter reconhecimento das diversas práticas corporais. Entretanto, são poucas as pesquisas que buscam compreender a complexidade da cultura Galibi-Marworno, de forma geral. Estas pesquisas são importantes, pois, além de contribuir com o registro escrito das práticas corporais indígenas. Este estudo procurou sistematizar a produção do conhecimento sobre as práticas corporais indígenas.

Referências

Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: MEC / SECAD 2005.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver.** 3 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e IEPE, 2009.

Entrevista com Antônio Narciso, 20 de outubro de 2010, aldeia Flecha.

Entrevista com Geraldo Getulio, 20 de setembro de 2010, aldeia Kumarumã.

Entrevista com Maria Roselina Agostinho, 10 de agosto de 2010, aldeia Samaúma.

Entrevista com Jarbas Pastana Malaquias, 10 de agosto de 2010, aldeia Samaúma.